

Curso de pós-graduação em Estudos Europeus será criado no Porto

COLABORAÇÃO UNIVERSIDADE-INDÚSTRIA É DECISIVA PARA A SOCIEDADE PORTUGUESA

— considerou Ernâni Lopes no decorrer de um encontro da UCP

«Representaria um erro sério concentrar excessiva e abusivamente a análise no estrito campo económico e deixar para fora das preocupações as áreas decisivas, ainda tão frequentemente deixadas por alguns teóricos na penumbra do «extra-económico», onde afinal se joga grande parte dos mecanismos que depois se traduzem na actividade económica», advertiu ontem Ernâni Lopes perante mais de uma centena de empresários e docentes da Universidade Católica, que participavam num encontro organizado conjuntamente pelos Centros de Estudos Europeus da UCP e a Associação Industrial Portuguesa.

Ernâni Lopes enalteceu as actividades do Centro de Estudos Europeus da UCP, a que preside, no quadro da qual e outras iniciativas que se têm desenvolvido ao longo dos últimos seis anos. afirmou, designadamente, que o Centro de Estudos pretende assinalar a entrada em vigor, a 1 de Janeiro passado, do Tratado de Adesão de Portugal às Comunidades Europeias, procurando evitar fazê-lo de um modo passivo, passadista e de mero carácter comemorativo.

Pelo contrário, afirmou-se que a melhor forma de assinalar aquela data importante seria uma sessão de trabalho, numa perspectiva dinâmica e construtiva, virada para a análise de problemas importantes da economia portuguesa e em que membros da comunidade universitária e da comunidade empresarial tivessem uma oportunidade para reflectir em conjunto e encontrar as tarefas do futuro.

• Cursos especializados de curta duração no Porto

O Centro de Estudos Europeus não é, de facto, nenhum instituto que tenha surgido à última hora, porventura uma instituição desarticulada, produto de um «combolo apanhado de pressas».

Foi isso que procurou explicar Ernâni Lopes, ao descrever o currículo do Centro, que já consolidou e aperfeiçoou o seu produto principal: o curso de pós-graduação em Estudos Europeus, cuja sexta edição corre no presente ano lectivo. Ao passar a constituir, agora já dentro das Comunidades Europeias, o Centro de Estudos Europeus mais antigo e com mais experiência de formação de quadros supe-

rior em Portugal como estado-membro, aquele núcleo procede neste momento ao alargamento e aprofundamento da sua actividade, designadamente abrangendo o Porto e os Açores. No Porto, terão lugar, ainda este ano lectivo, nas instalações da UCP, dois cursos especializados de curta duração (cerca de 30 horas), um sobre «Fundos comunitários» e outro acerca de «Apelos e encaminhamento comunitário para a indústria». No começo do próximo ano lectivo, em Outubro, abrirá, ainda no Porto, um

curso de pós-graduação em Estudos Europeus (dominante económica) de cerca de 300 horas, análogo ao que existe em Lisboa, com alguns ajustamentos de estrutura para corresponder às necessidades regionais.

• Ponto de viragem e universidade-indústria

«Portugal encontra-se, neste momento, numa fase importante de viragem na evolução a longo prazo da sua economia», disse Ernâni Lopes, para acentuar, imediatamente, que esse ponto de viragem e as consequentes transformações não estão resolvidas, e o resultado, bom ou mau, depende exclusivamente de nós e do nosso esforço, e muito do ânimo com que esse esforço for feito e da qualidade e intensidade de que se revestir.

Em segundo lugar, salientou que as transformações já em curso (e que normalmente se irão acelerar) não se limitam à esfera do económico, projectando-se, talves até sobremaneira, sobre os aspectos sociais, tecnológicos e culturais da nossa vida colectiva.

Depois de acentuar que a visão alargada dos problemas da economia concreta

exige o recurso a análises interdisciplinares, afirmou que, no quadro do relacionamento do desenvolvimento económico e social, assumirá papel importante o conjunto das relações externas da nossa economia, no sentido de se concretizar, consciente e programadamente, a sua internacionalização activa — e não apenas continuar a ajustá-la aos efeitos de uma inevitável internacionalização passiva.

«Sendo matéria de extrema seriedade e também de bastante complexidade — disse Ernâni Lopes — desejo apenas neste momento, como elemento de clarificação, referir os problemas, decisivos para o nosso futuro, do investimento estrangeiro em Portugal, do investimento português no estrangeiro e da presença contínua, sistematizada e organizada das nossas empresas nos mercados externos (e não apenas tirando partido de alguns interstícios conjunturais).

No domínio da colaboração universidade-indústria, afirmou que, sendo um problema geral das várias sociedades, importava ter presente que a resolução das questões existentes na realidade concreta portuguesa não poderá encontrar-se através de simples transposição de soluções estrangeiras. «Há certamente elementos a utilizar, mas o essencial é a capacidade de adaptar e de inovar construtivamente, tendo em atenção as nossas realidades».

Delineados alguns dos aspectos mais importantes para se estruturar a acção futura — e depois de sublinhar a necessidade de encetar com firmeza e realismo os modos de proceder das transformações que inevitavelmente irão ter lugar nos próximos 15-30 anos, afirmou que para esse esforço em plenitude se exigem diversos tipos de instituições. Instituições, disse, onde, a par do trabalho de investigação aplicada, seja também assegurado um espaço de diálogo permanente entre os intervenientes activos do próprio processo de desenvolvimento.

• Uma universidade ensimesmada

• Uma universidade ensimesmada

E não haverá, então — disse — que estar artificialmente submetido aos tipos de instituições tradicionais,

por exemplo, a uma universidade ensimesmada e autolimitada, a uma «torre de marfim», parece-me que, na busca das soluções mais adequadas, a discussão conjunta universidade-indústria e a diversificação de tipos de instituições, através da criação de novos me-

todos de abordagem dos problemas da economia portuguesa, constituirão caminhos mais profícuos. Particularizo depois como «condições de êxito» que a universidade assegure: a reprodução do conhecimento, a criação do novo conhecimento pela investigação pura, a salvaguarda de padrões de qualidade, e a ligação às necessidades da vida real, através da investigação aplicada e da promoção de actividades de extensão universitária.

• Núcleo de tecnologia avançada

A mesma problemática foi depois analisada pelo presidente da AIP, Rocha de Matos. Depois de traçar um bosquejo histórico dos últimos dez anos da vida portuguesa, afirmou que a pouco mais de dez anos do ano 2000 Portugal se encontra num momento crucial e decisivo da sua história, impondo-se um modelo de desenvolvimento que privilegie a inovação e o desenvolvimento tecnológicos e que permita potencializar, em termos positivos, os múltiplos impactos decorrentes da nossa entrada no Mercado Comum. Esse modelo passa, designadamente, pela consolidação tecnológica e financeira dos sectores tradicionais da produção industrial portuguesa e pela criação e consolidação de um núcleo de tecnologia avançada, no qual se podem incluir, de entre outras, a microelectrónica, a biotecnologia, a robótica, a electromedicina e as energias renováveis.

• A novos empresários

ser-lhes-á exigida uma enorme capacidade de trabalho em equipa, o saber-se rodear dos melhores quadros e gestores e o engenho para os dirigir e coordenar.

• A indústria na definição dos currículos

Defendendo uma convergência de programa e projectos de desenvolvimento, com a sua dimensão universitária e empresarial, enunciou alguns pontos concretos desse programa: participação da indústria na definição dos currículos dos cursos superiores; abertura dos empresários à Universidade (estes recusam muitas vezes aos finalistas e jovens diplomados a oportunidade de conhecerem, por dentro, a vida empresarial), sendo verdade que os empresários tendem a não considerar a necessidade absoluta de se manterem actualizados, nas áreas de formação, tecnologia e mesmo na dimensão de cultura humanística que a Universidade significa. Defendia um intercâmbio de experiências entre a empresa e a Universidade, preconizando ainda, quer ao nível da administração pública quer privada, que se ponham de parte os conceitos esgotados de um liberalismo batido pelas realidades do nosso tempo. É preciso acabar com a ideia — disse, por último — de um estado paternalista e tutelar, que, extravassando dos seus poderes e obrigações numa sociedade democrática e moderna, funciona como autêntico muro de lamentações e talibã para incapacidade próprias.

Empresa rel. p/ universidade
Univ. Católica